

# **TEXTOS CLÁSICOS .....**

## UMA NOTA SOBRE A “NATUREZA DO HOMEM”<sup>1</sup>

Carl R. Rogers  
University of Chicago

(1957)

**Resumo:** O ser humano é considerado como essencialmente “...positivo, voltado para o movimento, construtivo, realista, confiável”. O ser humano não é, basicamente, “hostil, anti-social, destrutivo, ou mal”; nem é totalmente maleável. O homem não é “...essencialmente um ser perfeito, lamentavelmente deformado e corrompido pela sociedade”. Esses pontos de vista são elaborados e contrastados com a concepção do homem de Freud.

Li com interesse o artigo de Walker (9) no qual ele compara a perspectiva de Freud sobre a natureza humana com a minha própria, e também fui instruído pelas discussões adicionais de Snyder (9), German (3), Walker (10) e Nosal (4) sobre essa questão. Uma vez que os meus próprios pontos de vista são uma parte considerável do tema deste debate, vou me permitir algumas palavras de comentários.

A tese de Walker pode ser muito brevemente resumida. Ele afirma que “Freud herda a tradição de Agostinho em sua crença de que o homem é básica e fundamentalmente hostil, anti-social e carnal”. Por outro lado, “Carl Rogers, na mesma direção, é o sucessor de Rousseau (que observa) que todo homem vem da mão de seu Criador como um ser perfeito. Este esplendor primordial é corrompido, disse Rousseau, por uma sociedade imperfeita” (9, p. 89). Walker passa a apontar que Freud e eu vemos a

natureza básica do indivíduo de formas muito diferentes e que, portanto, considerações muito diferentes fluem a partir desses pontos de vista diferentes, na medida em que a psicoterapia está em questão. Ele conclui que, uma vez que os clínicos inclinam-se em direção à filosofia de Freud, os teóricos da personalidade que tem uma visão neutra do homem, e eu que tenho essa visão rousseauniana, cabe a todos nós pensar neste problema. Snyder e os outros oferecem vários comentários valiosos e discriminados sobre a apresentação de Walker.

Sinto-me satisfeito que tal discussão chame a atenção para a orientação de valor, para o substrato filosófico, de cada forma de psicoterapia. Uma pessoa não pode se envolver com psicoterapia sem dar provas operacionais de uma orientação de valor subjacente e uma visão da natureza humana. É definitivamente preferível, na minha opinião, que tais pontos de vista subjacentes estejam abertos e explícitos, ao invés de encobertos e implícitos. Aprecio a ênfase que é dada nesta discussão à diferença acentuada nas visões filosóficas entre a orientação freudiana e a centrada no cliente. Eu mesmo tentei chamar a atenção para isto (6, p. 56-57; 7, p. 207).

Quanto aos “predecessores” do pensamento de Freud e do meu próprio, tenho algumas questões. Eu sou um tanto cético quanto à validade de se colocar pessoas muito diferentes no mesmo escaninho. Eu acredito que possa ser de maior valor olhar separadamente para Agostinho ou Freud ou Rousseau ou a mim mesmo, ao invés de agrupar quaisquer dois deles juntos. Entretanto, para o que vale a pena, eu acredito que se poderá encontrar maior similaridade filosófica entre Freud e Calvino que entre Freud e Agostinho. Uma mulher muito perspicaz que tinha sido muito ajudada por seu psicanalista me contou que ela nunca tinha compreendido ou assimilado plenamente sua análise até que ela compreendeu a visão fundamentalmente calvinista da maldade do homem natural. Quanto a mim mesmo, se eu sou um “sucessor” de Rousseau eu não sou competente para dizer. Só posso comentar que embora possa verdadeiramente ser dito que o meu pensamento está mais próximo ao de Rousseau do que ao de Calvino, eu certamente não penso em mim

<sup>1</sup> Título do original: A Note on the “Nature of Man”, publicado no *Journal of Counseling Psychology*, 4(3), 199-203, 1957 (DOI:10.1037/h0048308). O texto original tem seu copyright ligado à APA (American Psychological Association), a quem agradecemos a permissão para tradução. Para a presente edição, mantivemos o formato original do texto, com suas citações da maneira que o autor apresentou (Nota do Editor).

<sup>2</sup> O editor levantou uma questão com o autor com relação ao uso frequente do pronome pessoal no manuscrito e recebeu uma resposta que merece citação. “O fato de que ele está em forma muito pessoal, não é por acaso, nem com a intenção de torná-lo uma carta. Nos últimos anos, tenho experimentado com uma forma cada vez mais pessoal de escrever, e que acredito que colocar um artigo numa forma mais pessoal torna a comunicação mais direta e, ainda mais importante, nos impede de soar como oráculos. Ao invés de dizer “Isto é assim”, estou muito mais inclinado a dizer “Eu acredito que isso é assim”. Eu apenas gostaria que você soubesse a razão pela qual ela é expressa de uma maneira mais pessoal do que é considerado como uma boa redação científica”. Este argumento pareceu se encaixar particularmente à natureza do artigo em questão e o modo original da escrita foi mantido (Nota do Editor do *Journal of Counseling Psychology*).

mesmo como sendo em qualquer sentido um seguidor de Rousseau. Posso testemunhar que, pelo menos, não houve influência direta. Meu único contato pessoal com a obra de Rousseau foi a leitura obrigatória de uma parte de sua *Émile*, para meu exame doutoral de língua francesa, e eu quase foi reprovado no exame!

O principal ponto em que eu posso esclarecer com respeito a toda esta discussão, no entanto, é um esforço por afirmar o que eu penso sobre as características básicas do organismo humano. Para ter certeza da mudança e desenvolvimento de meus próprios pontos de vista, têm sido apresentados de forma parcial em uma série de referências (6, especialmente pp 56-57; 5, especialmente pp 56-64, 522-524; 8), mas uma formulação atual poderá estar em curso.

Meu ponto de vista sobre as características mais básicas do ser humano tem sido formadas pela minha experiência em psicoterapia. Incluem algumas observações sobre o que o homem *não é*, assim como alguma descrição do que, na minha experiência, ele *é*. Deixe-me dizer isso de forma muito breve e, em seguida, me esforçar para esclarecer meus significados.

Eu não percebo o ser humano, em sua natureza básica, como sendo caracterizado por termos como fundamentalmente hostil, anti-social, destrutivo, maligno.

Eu não percebo o ser humano como sendo, em sua natureza básica, completamente sem uma natureza, uma *tabula rasa* em que *qualquer coisa* pode ser escrita, nem como uma massa maleável que pode ser moldado em *qualquer* forma.

Eu não percebo o homem como sendo um ser essencialmente perfeito, lamentavelmente deformado e corrompido pela sociedade.

Na minha experiência, eu descobri que o ser humano parece ter características que são inerentes a sua espécie, e os termos que, em diferentes momentos pareceram-me descritivos destas características são termos como positivo, voltado para o movimento, construtivo, realista, confiável.

Deixe-me ver se posso levar a discussão desses pontos de vista até uma área nova, onde talvez tenhamos um pouco menos de ideias preconcebidas. Suponha que nos voltemos para o mundo animal e nos perguntemos qual é a natureza básica do leão, ou da ovelha, ou do cão, ou do rato. Dizer que qualquer um ou todos esses sejam basicamente hostis ou anti-sociais ou carnais parece ser ridículo. Dizer que nós vemos sua natureza como neutra significa que ela é neutra em termos de algum conjunto indeterminado de valores, ou que suas naturezas são todas iguais, tudo massa esperando para receber uma forma. Este ponto de vista parece-me igualmente ridículo. Afirmando que cada um tem uma natureza básica, um conjunto comum de atributos geralmente característicos da espécie. Assim, a ovelha é de longe o mais gregário ou inclinado ao grupo, o rato geralmente o mais tímido. Nenhuma quantidade de treino – terapêutico ou não

– transformará o rato em leão, ou vice-versa, apesar de um amplo grau de mudança ser possível. Há um substrato básico de características da espécie que seria adequado aceitarmos.

Podemos dar uma olhada em algumas dessas características. Uma vez que o leão tem a reputação mais pronunciada por ser uma “besta voraz”, vamos escolhê-lo. Quais são as características de sua natureza comum, sua natureza básica? Ele mata um antílope quando está com fome, mas ele não entra numa fúria selvagem de matar. Ele come sua presa após matá-la, mas não há leões obesos na estepe. Ele é desamparado e dependente em sua fase de filhote, mas ele não se apega à relação de dependência. Ele torna-se cada vez mais independente e autônomo. No estado infantil, ele é completamente egoísta e egocêntrico, mas à medida que amadurece, ele mostra, além de tais impulsos, um grau razoável de cooperativismo na caça. A leoa alimenta, cuida, protege e parece gostar de seus filhotes. Leões satisfazem suas necessidades sexuais, mas isso não significa que eles entram em orgias selvagens e lascivas. Suas várias tendências e ímpetos trazem um equilíbrio constante de mudanças nele mesmo, e nesse sentido ele é muito satisfatoriamente auto-controlado e auto-regulado. Ele é, de várias maneiras, um membro construtivo, confiável da espécie *Felis leo*. Suas tendências fundamentais estão na direção do desenvolvimento, diferenciação, independência, auto-responsabilidade, cooperação, maturidade. Em geral, a expressão de sua natureza básica torna-se a continuação e aperfeiçoamento de si mesmo e sua espécie.

Com as variações adequadas, o mesmo tipo de afirmações poderiam ser feitas sobre o cão, a ovelha, o rato. Para ter certeza, cada qual se comporta de uma maneira que a partir de algum ponto de vista específico são destrutivas. Nós estremeçemos ao ver o leão matar um antílope; ficamos irritados quando a ovelha come o nosso jardim; reclamamos quando um rato come o queijo que estávamos guardando para o nosso piquenique; considero o cachorro destrutivo quando ele me morde, um estranho; mas com certeza nenhum destes comportamentos justifica o pensamento que qualquer um destes animais seja basicamente mau. Se eu me esforço a lhe explicar que se a “leoninidade” do leão fosse liberada, ou a “ovelhinidade” das ovelhas, que estes animais, então, seriam impedidos por desejos insaciáveis, agressões incontroláveis, comportamentos sexuais selvagens e excessivos, e tendências de destrutividade inata, você certamente riria de mim. Obviamente, esse ponto de vista é puro *non-sense*.

Eu gostaria agora de considerar novamente a natureza do homem, à luz da presente discussão sobre a natureza dos animais. Eu vim a conhecer mais profundamente os homens em um relacionamento caracterizado por tudo o que eu posso dar de segurança, ausência de ameaça, e completa liberdade de ser e de escolher. Em tal relacionamento, os homens expressam todos os tipos de sentimentos amargos e mortíferos, impulsos anormais, desejos

bizarros e anti-sociais. Mas, como eles vivem em uma relação desse tipo, expressando e sendo mais de si mesmos, eu acho que o homem, como o leão, tem uma natureza. Minha experiência é que ele é basicamente um membro digno de confiança da espécie humana, cujas características mais intensas tendem ao desenvolvimento, à diferenciação, às relações cooperativas; cuja vida tende fundamentalmente a sair da dependência para a independência; cujos impulsos tendem naturalmente para se harmonizar em um padrão complexo e mutativo de auto-regulação; cujo caráter total é tal que tendem a preservar e melhorar a si mesmo e sua espécie, e, talvez, para movê-la em direção a sua evolução. Na minha experiência, descobrir que um indivíduo é verdadeira e profundamente um membro único da espécie humana não é uma descoberta para inspirar horror. Antes, eu estou inclinado a acreditar inteiramente que ser humano é entrar num processo complexo de ser uma das criaturas mais amplamente sensíveis, responsivas, criativas e adaptáveis do planeta.

Assim, quando um freudiano, como Karl Menninger me diz (como o fez, em uma discussão sobre este assunto) que ele percebe o homem como "intrinsecamente mau", ou mais precisamente, como "inatamente destrutivo", eu posso apenas balançar a cabeça de espanto. Isso me leva a todo tipo de pergunta perplexa. Como pode ser que Menninger e eu, trabalhando com um propósito tão semelhante em tais relacionamentos íntimos com pessoas em sofrimento, experienciem as pessoas de formas tão diferentes? Talvez, como sugere Snyder, essas profundas diferenças não importem se o terapeuta realmente se preocupa com o seu paciente ou cliente. Mas como pode um analista experienciar um cuidado positivo para com seu paciente, se a sua própria tendência inata é destruir? E mesmo que suas próprias tendências destrutivas tenham sido devidamente inibidas e controladas por *seu* analista, quem controla a destrutividade *desse* analista? E assim por diante *ad infinitum*.

Ficará claro que a minha experiência não fornece nenhuma evidência para acreditar que, se os elementos mais intensos da natureza do homem fossem liberados teríamos um Id descontrolado e destrutivo solto no mundo<sup>3</sup>. Para mim, isso faz tão pouco sentido quanto dizer que a "leoninidade" do leão seria uma coisa má. Eu respeito os homens que detêm tais pontos de vista, mas eu

não encontro nenhuma evidência na minha experiência para apoiá-los. Eu mantenho uma declaração feita em um artigo anterior:

Eu tenho pouca simpatia com o conceito bastante prevalente que o homem é basicamente irracional, e que seus impulsos, se não forem controlados, levarão à destruição dos outros e de si mesmo. O comportamento do homem é perfeitamente racional, movendo-se com a complexidade sutil e ordenada em direção aos objetivos que seu organismo está se esforçando para conseguir. A tragédia para a maioria de nós é que nossas defesas nos impedem de estar conscientes dessa racionalidade, de modo que conscientemente estamos nos movendo em uma direção, enquanto que organismicamente estamos nos movendo em outra. Mas em nossa pessoa que está vivendo o processo de vida-plena, haveria uma diminuição do número de tais barreiras, e ele seria cada vez mais participativo na racionalidade do seu organismo. O único controle dos impulsos que existiria ou que se mostraria necessário é o equilíbrio natural e interno de uma necessidade em relação ao outro, e a descoberta de comportamentos que seguem o vetor mais próximo aproximando à satisfação de todas as necessidades. A experiência de extrema satisfação de uma necessidade (de agressão ou sexo, etc), de tal forma a fazer violência para a satisfação de outras necessidades (por companhia, relações afáveis, etc) – uma experiência muito comum na pessoa defensivamente organizada – seria amplamente diminuída. Ela participaria das atividades de auto-regulação muito complexas de seu organismo – tanto os psicológicos, quanto os controles termostáticos fisiológicos – de tal forma a viver em crescente harmonia consigo mesmo e com os outros (8).

Tenho ficado perplexo quanto às razões para a grande discrepância entre a visão freudiana da natureza do homem e aquilo que parecia justificado pela experiência na terapia centrada no cliente<sup>4</sup>. Tenho duas hipóteses que eu gostaria de apresentar para consideração, embora possam parecer chocantes para os seguidores devotos de psicanálise.

Primeiro, parece-me que Freud estava, compreensivelmente, muito empolgado com sua descoberta – uma tremenda descoberta para o seu tempo – que, sob um exterior convencional ou "bom", o homem abrigou todos os tipos de sentimentos agressivos e sexuais e impulsos que

<sup>3</sup> Freud parece, no entanto, ter acreditado em algo assim até o fim. Em seu *Outline of Psychoanalysis*, breve, precisa e calmamente afirmou, ele ainda indica que o centro do nosso ser leva a conflitos, até mesmo para sua própria destruição, a menos que alguns meios sejam descobertos para o seu controle. "O núcleo do nosso ser, então, é formado pelo obscuro Id (...). Dentro deste Id os instintos orgânicos operam (...). O primeiro e único esforço desses instintos é na direção da satisfação (...). Mas uma satisfação imediata e independente do instinto, conforme as exigências do Id, levaria frequentemente a perigosos conflitos com o mundo externo e à extinção (...). O Id obedece ao inexorável princípio de prazer (...) e continua a ser uma questão da maior importância teórica e que ainda não foi respondida, quando e como é sempre possível para o princípio do prazer dominar" (2, p. 108-109).

<sup>4</sup> Talvez seja apenas uma diferença entre os primórdios do freudismo e a visão centrada no cliente. Tenho a impressão de que a maioria dos psicanalistas modernos têm uma visão da natureza humana acentuadamente diferente da de Freud, mas se eles fizeram isso de forma explícita, não estou ciente. E pensadores atuais que tiveram como modelo o de Freud, continuam a manter sua perspectiva obscura. Assim, Ludwig von Bertalanffy em um recente artigo, diz: "Parece que não podemos mudar a *bête humaine*: só podemos esperar que o bruto no homem seja melhor controlado".

ele tinha escondido com sucesso a partir de si mesmo, bem como de outros. Esta descoberta foi chocante para a cultura daquele período e então, tanto seus críticos como o próprio Freud centraram-se nos “maus” sentimentos no homem que jaziam sob a superfície. Este continuou a ser o foco, embora a própria experiência de Freud com seus pacientes deva ter lhe mostrado que uma vez que esses sentimentos “maus” eram conhecidos, aceitos e compreendidos pelo indivíduo, ele poderia ser confiável para ser uma pessoa normalmente socializada e auto-controlada. No furor da controvérsia sobre a psicanálise, este último ponto foi esquecido, e Freud estabeleceu o que é, na minha opinião, uma visão demasiado superficial da natureza humana. Foi, naturalmente, uma visão instruída muito mais aprofundada do que a realizada pelos seus contemporâneos, mas não era tão profundamente um conceito como sua própria experiência teria justificado.

Minha segunda hipótese explicaria por que Freud não assimilou esse significado mais profundo no qual ele pode ter percebido na terapia que ele seguiu. Tem sido minha experiência que, embora os clientes possam, de alguma forma, descobrir independentemente alguns de seus sentimentos negados ou reprimidos, eles não conseguem por si só alcançar a plena aceitação emocional desses sentimentos. É somente em uma relação de cuidado que esses sentimentos “horribéis” são primeiramente aceitos inteiramente pelo terapeuta e podem, então, ser aceitos pelo cliente. Freud, em sua auto-análise foi privado desta relação calorosa e de aceitação. Assim, embora ele possa ter conhecido e até certo ponto compreendido os aspectos escondidos e negados de si mesmo, pergunto se ele poderia vir a aceitá-los totalmente, para abraçá-los como uma parte significativa, aceitável e construtiva de si mesmo. O mais provável é que ele continuou a percebê-los como aspectos inaceitáveis de si mesmo – inimigos, os quais conhecendo ele poderia controlar – ao invés de impulsos que, quando existindo livremente em equilíbrio com seus outros impulsos, eram construtivos. De qualquer forma, eu considero isso como uma hipótese digna de consideração. Isto, eu admito, não explica porque seus seguidores continuaram a aceitar seu ponto de vista.

Para finalizar, eu gostaria de concordar com Walker que a perspectiva que o terapeuta tem da natureza humana tem consequências em sua terapia.

Por isso eu acredito que é importante para cada terapeuta abstrair por si mesmo a partir de sua própria experiência essas inclinações ou tendências que parecem ser mais profundamente características do ser humano. Eu tenho indicado que, para mim, o ser humano parece ser uma criatura impressionante e complexa que pode caminhar de forma terrivelmente errada, mas cujas tendências *mais profundas* são para sua própria valorização e a de outros membros de sua espécie. Acredito que ele pode ser confiável para avançar nessa direção construtiva quando ele vive, mesmo que brevemente, em um clima não ameaçador onde ele é livre para escolher qualquer direção.

## Referências

- (1) Bertalanffy, L. Von. (1956). A biologist looks at human nature. *The Scientific Monthly*, 82(1), 33-41.
- (2) Freud, S. (1949). *Outline of Psychoanalysis*. New York: Norton.
- (3) Gehman, W. S. (1956). Letter to editor. *Journal of Counseling Psychology*, 3(3), 229.
- (4) Nosal, W. S. (1956). Letter to editor. *Journal of Counseling Psychology*, 3(3), 299-301.
- (5) Rogers, C. R. (1951). *Client-centered therapy*. Boston: Houghton Mifflin [Especialmente pp. 56-64, 522-524].
- (6) Rogers, C. R. (1953). Some of the directions and end points of therapy. In O. H. Mowrer (Ed.), *Psychotherapy; Theory and research*. New York: Ronald [Especialmente pp. 56-57].
- (7) Rogers, C. R. (1956). Client-centered therapy – a current view. In F. Fromm-Reichman & J. L. Moreno (Eds.) *Progress in psychotherapy* (p. 207). New York: Grune & Stratton.
- (8) Rogers, C. R. (1957). A therapist's view of the good life. *The Humanist*, 1957. In press.
- (9) Walker, D. E. (1956). Carl Rogers and the nature of man. *Journal of Counseling Psychology*, 3(2), 89-92 (Includes comment by W. U. Snyder).
- (10) Walker, D. E. (1956). Letter to editor. *Journal of Counseling Psychology*, 3(3), 229-230.

---

## Nota Biográfica

**Carl Ransom Rogers** (1902-1987), foi um psicólogo estadunidense, nascido em Oak Park, Illinois, um dos mais importantes representantes da chamada “Psicologia Humanista” e proponente da atualmente conhecida Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) – anteriormente denominada Psicoterapia Não-Diretiva, Aconselhamento Não-Diretivo, Terapia Centrada no Cliente, dentre outras –, abordagem psicoterapêutica cujos princípios foram posteriormente aplicados a campos distintos como Educação, Grupos, Comunidades, Organizações, etc. Publicou – dentre outros – *Clinical Treatment of the Problem Child* (1939); *Counseling and Psychotherapy: Newer Concepts in Practice* (1942); *Client-centered Therapy: Its Current Practice, Implications and Theory* (1951); *On Becoming a Person: A Therapist's View of Psychotherapy* (1961); *The Therapeutic Relationship and Its Impact: A Study of Psychotherapy with Schizophrenics*, com E. Gendlin, A. J. Kiesler & C. Truax (1967); *Freedom to Learn: A View of What Education Might Become* (1969); *On Encounter Groups* (1970); *A Way of Being* (1980). Boa parte destes com tradução para o português.

---

**Tradução:** Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda (*Universidade Federal do Paraná*) & Profa. Ms. Arlene Leite Nunes (*Universidade da Região de Joinville – Univille*)

Recebido em 17 de abril de 1957